



15ª MARCHA PELA VIDA DAS MULHERES E PELA AGROECOLOGIA

CAATINGA VIVA, FLORESTA EM PÉ: MULHERES EM DEFESA DA BORBOREMA AGROECOLÓGICA

Aos olhos de quem mora longe, a Caatinga e seus povos sempre foram desprezados, tratados como desprezíveis, de baixa produtividade. Não é raro encontrar nos diversos relatórios de impacto ambiental que dão sustentação aos projetos das empresas de energia que neste lugar “não há uma economia evidente, apenas agricultura de subsistência”. Não há como negar que vivemos num contexto de expressão do racismo ambiental. Ou seja, somado ao grande potencial de geração de energia renovável, sobretudo a energia solar e eólica, a Caatinga tornou-se uma enorme “zona de sacrifício” para que os efeitos das mudanças climáticas possam ser resolvidos por meio de uma transição energética. Mas nós não acreditamos que para um problema tão complexo, a solução seja apenas “tecnológica” e com custo social tão elevado. Para além disso, os números dos investimentos econômicos apontam para a continuidade da expansão do uso de combustíveis fósseis e do agronegócio, a maior fonte de emissão dos gases de efeito estufa do Brasil, que está longe de sofrer qualquer sanção.

A Caatinga é a nossa Amazônia e iremos defendê-la! Estudos científicos demonstram que a Caatinga, único bioma genuinamente brasileiro, é a floresta de maior eficiência no sequestro de carbono. Preservar a Caatinga é garantir serviços agroecossistêmicos determinantes para o equilíbrio do Planeta. Ao contrário do que as indústrias de energia praticam e propalam, é determinante recuperar as árvores para enfrentar os momentos de estiagem mais intensas e elas serão fundamentais para a adaptação climática. Já no início do Sec. XX Guimarães Duque afirmava a ecologia do Nordeste Semiárido é formadora de árvores.

A gente também é Caatinga. Somos guardiãs das nossas sementes da paixão, das águas, das matas, dos solos e de todas as riquezas que a Mãe Terra nos proporciona. Não acreditamos em soluções empresariais, que reproduzem a lógica da mercantilização e do lucro, que perpetuam relações de poder, para que se resolvam os problemas estruturais da nossa sociedade. Nessa conta desigual, são as nossas comunidades, as juventudes do campo e nós mulheres, especialmente as negras, que pagamos pelas falsas saídas à crise já instalada. Ao colocarmos a sustentabilidade da vida no centro da nossa visão de mundo, clamamos por uma transição energética descentralizada, democrática e popular, que incorpore a preservação das nossas terras de produção de alimentos saudáveis, da natureza, o respeito e a defesa do nosso modo de vida.

Em defesa da nossa Borborema Agroecológica, mais uma vez, afirmamos **Energia renovável sim, mas não assim!**

Areial-PB, 15 de março de 2024

Nós, mais de 5 mil mulheres agricultoras do Polo da Borborema, nos encontramos no dia 15 de março de 2024 nas ruas da cidade de Areial, no estado da Paraíba, quando completamos 15 anos de luta por direitos. Na véspera do dia Nacional da Conscientização sobre Mudanças Climáticas, voltamos pela terceira vez às ruas em defesa do nosso território agroecológico. Nessa nova edição comemorativa da Marcha pela vida das Mulheres e pela Agroecologia celebramos as muitas alianças conquistadas ao longo desses anos e que se somam conosco neste ato: as entidades e movimentos que constituem a ASA Paraíba, a ASA Brasil, o GT Mulheres da ANA, a Rede Feminismo e Agroecologia, a Rede ATER-NE, o Coletivo Nordeste Potência, o CERSA, o MST, a CPT, o Movimento de Atingidos pelas Renováveis (MAR), a CONTAG e dezenas de outras organizações, movimentos sociais e instituições de pesquisa e desenvolvimento que fortalecem a denúncia dos inúmeros danos provocados pelo avanço no Semiárido brasileiro dos grandes empreendimentos centralizados de produção de energia renovável (eólica e solar).

Nas duas últimas edições da Marcha, depois de conhecer a realidade das indústrias de energia renovável em outras regiões do Semiárido, denunciamos que:

- O modelo industrial de geração centralizada de energia renovável é, na verdade, um gerador de energia socialmente suja e ambientalmente insustentável, constituindo uma ameaça à vida e ao trabalho das populações e dos territórios da agricultura familiar e dos povos tradicionais.
- As indústrias de energia em implantação no Semiárido são uma nova forma de apropriação e controle das terras e dos territórios para acumulação de lucros privados por grandes corporações econômicas internacionais, ao mesmo tempo que geram enormes e irreparáveis custos sociais para as populações. As empresas ocupam as terras, desorganizam as comunidades, cercando os espaços produtivos e de vida, desestruturam completamente o lugar e a paisagem que marcam nossa cultura local. Essas empresas provocam também danos irreparáveis ao meio ambiente, penalizando ao mesmo tempo a saúde física e mental dos moradores locais; o tecido social e a organização comunitária; a continuidade da agricultura e das criações como nosso modo de vida; além de desorganizar o trabalho e violentar a vida e os corpos das mulheres e meninas do campo.

Realização

Sindicato dos Trabalhadores
e das Trabalhadoras
Rurais do Areial



Apoio

- Provocam graves danos à saúde, forçando muitas famílias abandonarem suas terras para viver em outras localidades ou nas pontas de rua. Denunciamos o aumento do trabalho doméstico, a deterioração das cisternas de estocagem de água e o cerceamento da liberdade de ir e vir das crianças e dos adultos. Denunciamos também o aumento da violência de gênero, os assédios morais e sexuais e a prostituição que têm acompanhado a implantação das indústrias de energia eólica ou solar.
- Há falta de transparência e de relação de equidade nos contratos de cessão do uso da terra firmados entre as empresas e as famílias agricultoras. A assinatura dos contratos com as empresas envolve o risco da perda da condição de segurados especiais dos agricultores e agricultoras familiares cedentes, acarretando a perda dos seus direitos sociais e previdenciários conquistados a duras penas pelos movimentos sociais do campo.

Ao ocupar as ruas, também anunciamos que nascemos, crescemos e produzimos alimentos e vidas na Borborema, como fizeram nossos antepassados. E há quase 30 anos, estamos construindo, por meio de processo de aprendizagem coletiva, um projeto de desenvolvimento regional assentado na valorização da agricultura familiar de base agroecológica.

Hoje, na Borborema Agroecológica somos:

- Uma rede de sindicatos dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais de 13 municípios, cerca de 150 associações comunitárias, uma associação de agricultores agroecológicos, a EcoBorborema, e uma cooperativa da agricultura familiar, a CoopBoborema.
- Neste território, foram construídas, pelo P1MC, 11 mil cisternas de estocagem de água de beber, 2.700 infraestruturas de produção de alimentos pelo P1+2 e 127 cisternas do Programa Água nas Escolas, perfazendo, só por esses três programas, um investimento público de cerca de R\$ 55 milhões.
- Foram estruturados mais de 2500 quintais produtivos, espaço no qual as mulheres produzem grande diversidade de alimentos que são comercializados *in natura* ou beneficiados em cozinhas melhoradas da Rede Mulheres e Agroindústrias Caseiras e Comunitárias.
- Distribuídas em diversos pontos do território, são 12 feiras agroecológicas, 5 Quitandas da Borborema, uma Quitanda Regional que, juntas a outros mercados agroecológicos, comercializaram em 2023, sob a marca regional Produtos do Roçado, mais de um milhão de reais. São empreendimentos cooperativos que garantem alimentos de qualidade para a população da região, além de dinamizarem a economia dos pequenos municípios que compõem o território do Polo.
- Compartilhamos a gestão de uma Rede de 60 bancos de sementes comunitários que articula cerca de 2 mil guardiãs e guardiões das sementes da paixão. A rede de guardiões vem resgatando, preservando e multiplicando as sementes crioulas,

localmente conhecidas por Sementes da Paixão, e pesquisas recentes apontam a Borborema como zona de conservação de 2 raças endêmicas de milho crioulo (milho pontinha e jabatão).

- Deste trabalho com as sementes, surgiu a Campanha Não Planto Transgênicos para Não Apagar Minha História, que, sob a gestão da CoopBorborema, vem produzindo 12 toneladas por ano de derivados de milho conhecido como “da Paixão”, no Banco Mãe de Sementes em Lagoa Seca, estrutura financiada pelo Pronaf Infraestrutura, em 2006.
- Estamos falando de um território que era dominado pela presença de latifúndios improdutivos que geravam pobreza e degradação ambiental. Com a luta em defesa da agricultura familiar e da agroecologia, existem 35 assentamentos da reforma agrária onde vivem e trabalham cerca de 1300 famílias assentadas e um total de mais de 20mil estabelecimentos familiares, responsáveis pela produção de alimentos de origem vegetal e animal que abastecem os mercados locais.

Temos demonstramos desde 2023, que toda essa construção, resultante da luta social e de significativos investimentos públicos, se encontra ameaçada pela instalação de grandes empreendimentos de energias renováveis. São dois projetos de desenvolvimento diametralmente opostos. Definitivamente, não se produz alimento saudável em territórios em que grandes empresas instalam para a produção de energia, colocando em risco a soberania alimentar e hídrica e a propriedade da terra, e aprofundando as desigualdades sociais.

Em 2024 voltamos às ruas em defesa da nossa *Caatinga Viva, floresta em pé*. Sabemos o quanto nosso meio ambiente é sensível às mudanças do clima. Aliás, foi observando e aprendendo com as peculiaridades socioambientais da Caatinga que também construímos nossa forma de viver e fazer a agricultura. Essa foi nossa primeira lição, não combatemos, mas convivemos com o nosso ambiente.

Aprendemos com o umbuzeiro ou com a barriguda a necessidade de guardamos a água da chuva no solo ou em reservatórios para os tempos de estiagem; Aprendemos a guardar nossas forragens para quando as plantas perderem suas folhas, selecionamos e guardamos uma diversidade de sementes adaptadas para responder no tempo e na quantidade certa da chuva; Com os animais descobrimos o hábito de se esconder do sol forte durante o dia e encontrar a melhor hora de ir para o roçado. *A Caatinga é uma escola, ela nos ensina todos os dias. A Caatinga é exemplo de resistência, de sabedoria, de saúde, resumem as mulheres.* Talvez, seja justamente a aprendizagem das adaptações evolutivas e comportamentais dos seres vivos desse bioma na sobrevivência às condições climáticas o maior legado da Caatinga aos efeitos globais das mudanças climáticas.

